
O SENTIDO E POTÊNCIA DA FABULAÇÃO NA PRODUÇÃO DE NOVAS NARRATIVAS DA HISTÓRIA DA ARTE

Ana Júlia Souza Teodoro¹, Luiz Guilherme de Barros Falcao Vergara²

Resumo:

O curso de Artes da Universidade Federal Fluminense abraça um caráter experimental, conectando produção de poéticas artísticas com teóricas por meio do entrelaçamento do estudo da prática criativa e um ensino da história da arte não-linear. O presente artigo levanta investigações sobre a programação pedagógica do curso, esta que escapa o modelo pragmático das escolas de Belas Artes, ao utilizar-se de modelos contemporâneos que foram debatidos e criticados durante o processo de monitoria. Com a colaboração dos discentes na produção de manifestos artísticos realizado a partir da fabulação, a experiência dentro da monitoria resultou em uma mediação de pares e troca de saberes horizontal entre alunos de Artes e Produção Cultural, monitores e o docente Luiz Guilherme Vergara, dentro da disciplina Genealogia Arte Espaço e Meio Ambiente, apesar da greve, se apresentando como uma abordagem interessante a ser explorada no contexto da graduação.

Palavras-chave: Cartografia, Fabulação, Manifestos, História da arte, Coletivo.



Recebido em: 15/05/2025

Aceito em: 16/04/2026

Publicado em: 15/07/2026

¹ Monitora do Departamento de Artes da Universidade Federal Fluminense.
E-mail:ateodoro@id.uff.br

² Professor do Departamento de Artes da Universidade Federal Fluminense.
E-mail:lg_vergara@id.uff.br

Introdução

Ao cogitar a elaboração do que seria um estudo contemporâneo decolonial da arte fora do parâmetro da Academia de Belas Artes e de suas métricas rígidas, foi necessário englobar uma descentralização da história europeia e focalizar nas práticas artísticas coletivas. Esse desafio de sair de uma metodologia encaixotada e expandir para novas pedagogias abria certos precedentes para uma evasão e dispersão do conteúdo, que foram constantemente combatidos com a intenção de concretizar essa experiência de uma nova modulação de pesquisa em colaboração.

Houve, igualmente, o desafio de manter as aulas e a frequência dos alunos, visto que colidiu o período da greve técnico-administrativa, que se iniciou em 11 de março de 2024, sendo seguida pela greve docente, com paralisação aprovada em 21 de março. Esse corte interferiu diretamente na realização das aulas, tanto no primeiro semestre quanto no segundo, já que a greve docente se encerrou dia 1 de julho de 2024, antes de 2024.2, modificando drasticamente o calendário de aulas e subsídios estudantis, como o bandejão. Todas essas incertezas geraram um afastamento dos discentes.

Em concomitância ao período de greve, o corpo discente era notoriamente grande, composto de cerca de 50 a 60 alunos, uma quantidade exorbitante dentro do contexto da graduação do curso de Artes e Produção Cultural, sendo que essa situação incomum ocorreu porque houve uma duplicata da disciplina durante o período de inscrição em aulas, ou seja, a mesma aula foi ofertada mais de uma vez em diferentes códigos.

Desta forma, a dúvida que se ergueu foi como manter os alunos ativos dentro da disciplina, em um cenário de greve, levando em consideração que a experiência de ensino de Genealogia Arte Espaço e Meio Ambiente e sua avaliação acontece por meio da troca e diálogos entre discentes?

A ideia de uma fabulação coletiva surge como uma possível ferramenta de combate a esse vácuo emergente entre a universidade e o discente, além de atuar em uma área essencial porém pouco explorada dentro do curso da graduação de artes, o processo. O uso da fabulação dentro deste contexto é como veículo de amadurecimento artístico do pensamento que vem antes da obra final, do produto, do objeto.

Em um mundo capitalista de produção e imediatismo, a disciplina propunha uma pausa nessa metodologia de velocidade, trazendo a temporalidade como algo a ser incorporado e não temido. O exercício do pensamento criativo e fenomenológico leva os discentes a encararem etapas do processo artístico que são deixadas de lado com frequência. Não só isso, mas também incentiva uma produção de sentido coletiva, esta que se produz na experiência vivida, a partir da relação encarnada entre sujeito e mundo como de acordo com Merleau Ponty em seu texto de 1945 “Fenomenologia da Percepção”,

permitindo que os alunos explorem as práticas colaborativas em uma elaboração conjunta.

Com essa noção de grupo, comunidade e equipe que foi incentivada dentro da sala de aula, a criação de um manifesto com base em leitura de outros manifestos veio como uma boa forma de avaliar esses discentes e sua dedicação. Dessa forma, aspectos como a criatividade, estudo da história da arte, posicionamento político e crítico poderiam ser avaliados dentro de uma escrita e apresentação colaborativa.

Fabulação do seu próprio posicionamento artístico

Inicialmente os alunos foram apresentados a diversos documentos e manifestos artísticos, como os inseridos nos livros “Escritos de Artista: Anos 60/70” de Glória Ferreira e Cecília Cotrim (2006) ou “A exposição do Projeto Construtivo Brasileiro na Arte. Projeto construtivo brasileiro na arte (1950-1962)” de Aracy Amaral (1977), em sua maior parte artigos realizados durante o período da Arte Moderna, onde os artistas que compunham certos coletivos advogavam em conjunto seus pensamentos, suas críticas, suas visões e seus ideais em textos e os publicavam. A leitura desses textos foi realizada em conjunto, durante as aulas, onde, juntamente do professor responsável e da monitora, destrincharam a escrita, incentivados a pesquisar coletivamente aspectos da época, artistas que se destacavam dentro daquele contexto e exposições artísticas marcantes.

Esse aprofundamento ocorreu de maneira orgânica à medida que os debates e questionamentos sobre às documentações se tornaram mais frequentes. Essa atividade de leitura conjunta e randômica³, em sua maioria, já que não era almejada uma linearidade de escolas artísticas, incentivou nos alunos um trabalho em equipe que logo mais seria explorado com a segunda etapa do processo.

Após essas leituras que foram realizadas tanto em sala de aula quanto em casa, os discentes se reuniram em grupos com base em afinidades reveladas durante as trocas e discussões sobre os textos para o trabalho final de realizarem seu próprio manifesto, defendendo seus ideais artísticos, políticos, afinidades estéticas e práticas poéticas.

Esse momento de procurar uma equipe foi encarado também como um processo de autoconhecimento biográfico, pois era necessário encarar o próprio trabalho com seriedade para perceber certos aspectos nele que pudessem se encaixar com outros discentes. Para além de uma análise individual, foi contemplado um coletivo, encontrando mutualidades na produção alheia. Uma atitude de reconhecer o outro como artista e se posicionar como tal também.

³ A ideia de trazer o randômico parte da prática do próprio docente Luiz Guilherme Vergara, que em suas aulas costuma distribuir os textos ou ordenar os estudos de forma aleatória a cronologia”.

Para facilitar esse processo foi realizada uma cartografia pessoal triangular, por meio da proporção áurea, onde os alunos precisavam realizar um mapa mental com palavras-chave de sua pesquisa artística que ia espiralando para o interior de si e da sua experiência, fortemente inspirado na prática filosófica de Leda Maria Martins em seu texto “Performances do tempo espiralar, poéticas do corpo-tela” (2021), onde ela argumenta sobre esse tempo que não tem passado, presente e nem futuro, mas sim existe em um movimento contínuo de recriação e autoreferência, organizado por memórias e experiências que se entrelaçam.

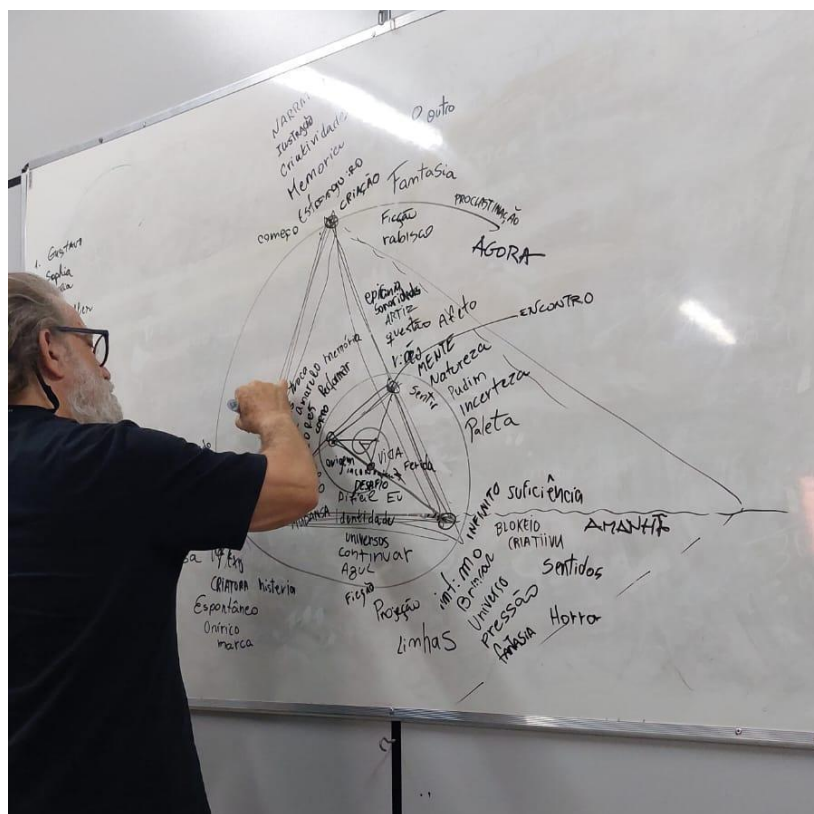


Figura 1 – Atividade coletiva de mapa mental de poéticas.

Com as equipes triangulares de três pessoas já formuladas, os alunos tiveram de fabular e pensar criativamente como se inserir na história da arte, se espelhando em processos já realizados por outros artistas, porém compondo algo novo. Ao provocar que múltiplas vozes se juntem em uma só para argumentar uma causa, a proposta acarreta um caráter pedagógico decolonial, de um empoderamento coletivista, fugindo do procedimento capitalista ocidental de individualização.

Durante o semestre, principalmente o 2024.2, os discentes foram instruídos a elaborar essas triangulações e conexões não apenas mentalmente, com ajuda dos trabalhos de cartografia e seminários em grupo, mas também presencialmente, trabalhando

em escalas diferentes e colaboração em equipe, enfatizando o espaço da aula como potência artística.

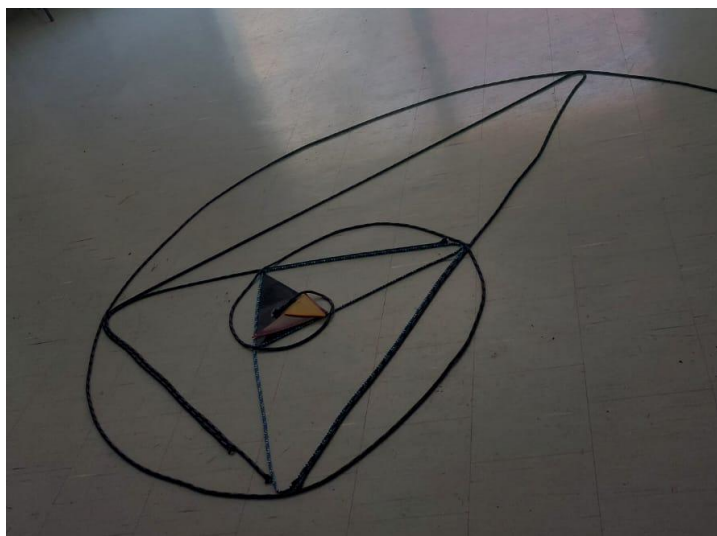


Figura 2 – Atividade de instalação do triângulo fabulante.

Resultados e Discussão

A proposta gerou um engajamento entre os alunos da graduação de Artes e Produção Cultural devido ao seu caráter inventivo e auto reflexão sobre o próprio trabalho, foi evidente o aumento de entusiasmo da turma, mesmo em tempos desafiadores para o discente de uma universidade pública. As atividades executadas trouxeram uma coesão entre estudos teóricos da história da arte com as próprias poéticas e posições políticas dos estudantes artistas, tecendo suas narrativas artísticas.

A pesquisa, anteriormente atuando no afastamento dos alunos devido a uma intimidação causada pelo academicismo, transformou-se em uma ferramenta que promoveu uma investigação crítica da arte, uma análise coletiva do contemporâneo e uma elaboração fabulante de um pensamento poético para possíveis futuros coletivos entre a nova geração de artistas que é cultivada atualmente dentro da universidade.

Conclusões

Conclui-se que, com base nas experiências em sala de aula, um território fértil e produtivo para aquisição de conhecimento e intercâmbio de saberes deve sustentar o interesse do discente, com pedagogias e metodologias em constante evolução, tornando o discente ativo dos seus próprios meios de adquirir prática. O esforço para envolver os alunos durante e após um período de greve foi considerável, entretanto, uma vez engajados, as atividades se tornam produtivas.

Os alunos alcançaram o objetivo de elaborar de um manifesto artístico que defende suas reflexões críticas e criativas, desenvolvidas coletivamente, atendendo de forma exemplar a proposta de fabulação e coletivismo apresentada pela monitora e o docente.

Referências

AMARAL, Aracy. **A exposição do Projeto Construtivo Brasileiro na Arte**. Projeto construtivo brasileiro na arte (1950-1962). Tradução. São Paulo: Pinacoteca do Estado, 1977.

FERREIRA, G; COTRIM, C (Org.). **Escritos de artistas: anos 60/70**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

MARTINS, Leda Maria. **Performances do tempo espiralar: poéticas do corpo-tela**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.